

## FATOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS CONSTATADOS NA PESQUISA DO ATLAS LINGÜÍSTICO DE GOIÁS – ALINGO

Sebastião Elias MILANI<sup>1</sup>  
Daniel Marra da SILVA<sup>2</sup>

### RESUMO

O ALINGO- Atlas lingüístico de Goiás: léxico-fonético é um dos resultados de uma pesquisa financiada pela Fundação de amparo a pesquisa de Goiás – FAPEG, liderada pelo professor Sebastião Elias Milani, com a parceria dos Professores Tânia Ferreira Rezende e Daniel Marra da Silva. Publicado no início de 2015, traz os dados léxico-fonéticos representativos de todas as partes do estado. Goiás foi ocupado em diferentes levas de imigrantes portugueses e seus escravos e emigrantes bandeirantes paulistas e mineiros, boiadeiros maranhenses, baianos e piauienses, candangos baianos e cearenses, construtores de Brasília, e sulistas plantadores de soja, recentemente. As contribuições lingüísticas desses grupos são distintas. A contribuição bandeirante foi mais volumosa, por isso ocupou todo o estado e se consolidou como a forma falada de prestígio. Goiás é o Centro do Brasil, por isso essas contribuições têm fronteiras, pelas quais seus falantes chegaram, e onde estão bem marcadas. Do sul para o norte do estado a contribuição bandeirante genericamente chamada de Caipira. Do Norte e Noroeste do estado até o entorno do Brasília a contribuição de boiadeiros e candangos, variantes nortista e nordestina. Nesse texto, apresentam-se análises das incidências dos fonemas /R/, /l/ pós-vocálicos. Eles apresentam um número alto e regular de alofones, que se diferenciam em quantidade dependendo se o ponto de coleta se localizava mais próxima de uma fronteira ou de outra.

**PALAVRAS-CHAVE:** ALINGO; fronteiras; fonologia; fonética; metaplasmos.

### Introdução

A presença dos diferentes traços fonéticos das variantes brasileiras permite conjecturas históricas e geográficas e permite também demonstrar a verdade da

---

1 Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Letras – Departamento de Linguística e Língua Portuguesa- DELP. Endereço: Estradas dos Colibris, 287. Parque dos Cisnes – Goiânia-GO. Brasil. Cep.: 74691620. Email: sebas@ufg.br

2 Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Palmas, Curso de Letras. Endereço: AE 310 Sul, Avenida LO 05, s/n, Plano Diretor Sul, Palmas - TO, Brasil. Cep.: 77021-090. Email: danielmarra@ifto.edu.br

formação da população do estado de Goiás. Historicamente Goiás foi povoado por levas de brasileiros, em diferentes épocas, vindos do Sudeste e do Nordeste do país. Esses grupos tinham objetivos bem diferentes entre si, mas tinham em comum a obtenção de lucros com suas conquistas, por isso traziam consigo escravos, indígenas e trabalhadores livres. Marcando diferentemente as regiões do estado com suas presenças, deixaram, sobretudo nas fronteiras por onde entraram, traços linguísticos que podem descrever a historicidade da língua portuguesa brasileira goiana.

As fronteiras Norte e Leste, com o Tocantins e a Bahia respectivamente, apresentam características fonéticas, em muitos falantes, sobretudo nos mais velhos, dos alofones característicos nas regiões Norte e Nordeste do País. As fronteiras Sul e Sudeste são com o estado de Minas Gerais e caracterizam Goiás, pela emigração dos chamados bandeirantes, com os alofones constantes nas variantes paulista e mineira. A fronteira Oeste com Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não apresentam características individualizadas ou significativamente diferenciadas de Goiás, porque eles apresentam características de povoamento muito semelhantes ao de Goiás. Obviamente o tempo e a consolidação dessas sociedades como grupos humanos fixos e volumosos vão se encarregar de mudar isso.

A execução da pesquisa para elaboração do ALINGO fez com que o grupo de entrevistadores percorresse todo o estado de Goiás. Entrevistou-se em 80 cidades, mesmo que no texto do ALINGO devessem constar 50 pontos de coleta. Traçando linhas, de uma extremidade a outra do estado de Goiás, tendo Goiânia como referência no centro, todas as fronteiras rodoviárias do estado são pontos de coleta e tiveram seus resultados incluídos na análise. Goiás tem fronteiras com seis estados, os quais pertencem a diferentes regiões do país e apresentam traços linguísticos característicos e diferentes entre si. (...) Do estado de Minas Gerais, região Sudeste, recebeu a influência dos falares caipiras, muito caracterizado pela execução do /R/ pós-vocálico como retroflexo, mas também caracterizado pela execução dos morfemas de diminutivo apocopados (MILANI et al, 2015, p. 290).

Na medida em que se podem identificar as regiões brasileiras por determinados traços alofônicos, em relação aos fonemas pós-vocálicos /R/ e /S/, na região Sudeste, nos estados de São Paulo e de Minas Gerias, predominam o retroflexo [ɾ] e o alveolar [s], respectivamente. No Rio de Janeiro, os velares [x]. No Nordeste, na Paraíba (Atlas Linguístico da Paraíba), aspirado [h] e palatalizado [ʃ], respectivamente. Em Goiás, predominam o /R/ retroflexo [ɾ] e o /S/ alveolar [s], mas nas regiões norte e noroeste do

estado, onde existe influência dos falares Nortistas e Nordestinos, encontram-se o aspirado [h] e o palatalizado [ʃ].

Verificando os dados coletados nas entrevistas para construção do *Acervo da fala goiana* nas diferentes cidades das fronteiras do estado de Goiás, podem ser estabelecidas todas as formas possíveis para certos vocábulos e marcar quais são os processos fonológicos recorrentes e fixos para a evolução dos fonemas falados. Há uma relação direta entre o alofone retroflexo [ɾ] e o alofone vocalizado [w]. O retroflexo ocorre tanto como alofone do /R/ quanto do /l/ em coda. Nas duas circunstâncias são necessárias considerações: em relação ao fonema /R/ pós-vocálico, o retroflexo é um alofone direto, muitos falantes brasileiros, das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, realizam esse alofone para esse fonema. Em relação ao /l/, ele ocorre também nessas mesmas regiões, por causa da vocalização que esse fonema apresenta.

Na situação contrária, quando o fonema de partida é o /l/, o retroflexo somente vai acontecer para aqueles falantes que vocalizam esse fonema. Essa circunstância está vinculada aos falantes que desconhecem a norma padrão por completo, muito comum nessas rodas de pessoas ouvir-se [aɾmʊ'sa]/[aɾ'mosʊ]. Provavelmente, seria possível dizer [ahmʊ'sa], mas em Goiás não foi registrado esse léxico com esse alofone em nenhuma entrevista. A hipótese mais provável é que ele seja um alofone relacionado ao retroflexo, logo, é a característica de semi-consoante do retroflexo que permitiria a pronúncia dos outros alofones do /R/ na posição de alofones do fonema /l/. Em Goiás e também em São Paulo, Paraná e Triângulo Mineiro, o retroflexo como alofone do fonema /l/ somente é possível por causa da vocalização desse fonema, que transforma a sílaba, de travada por uma consoante, para uma sílaba composta por consoante e ditongo decrescente [awmʊ'saɾ].

Deve-se se salientar o fato de o alofone retroflexo /ɾ/ ter uma identidade associada ao homem da roça, um caipira com pouca escolaridade, tido como ignorante. Ele é o retrato do povo do interior dos estados do Sudeste e Centro-Oeste, visto por esse olhar preconceituoso. Por causa dessa manifestação cultural, esse alofone, tanto para o /R/ quanto para o /l/, em certas situações pode acabar sendo evitado, substituído, sobretudo, pela vocalização /w/, que é considerada uma forma prestigiada. Isso gera muitos casos de hipercorreção do alofone retroflexo, para o alofone vocalizado.

Quanto à distribuição diatópica no estado de Goiás, o alofone aspirado, glotovelarizado, /h/, diferentemente do retroflexo /ɾ/, recobre uma área bem marcada. O retroflexo pode ser ouvido em todos os lugares do estado. Apesar dessa antiga marca

identitária pejorativa, vinculada ao indivíduo ignorante, ela passou por um processo de valorização no estado de Goiás e atualmente representa o goiano bem sucedido socialmente. Essa mudança se deve ao fato de a população do estado, generalizadamente, ter origem agrícola ou reconhecer o valor da produção do campo na origem, história, sucesso e riqueza do estado. Assim, a marca identitária do caipira é valorizada, não somente linguisticamente, mas no modo de vida das pessoas, como sua simpatia, simplicidade e generosidade.

O alofone aspirado /h/ ocupa atualmente a região onde estão localizados os bolsões de emigração nortista e nordestina, basicamente nas cidades mais antigas do norte goiano, as cidades mais jovens não apresentam essa marca fonética. Ficam bem localizadas pela proximidade com a fronteira da Bahia até o entorno do Distrito Federal. As razões básicas são as rodovias que ligam a Bahia e os estados do Norte e do Nordeste à cidade de Brasília, formando um corredor de emigração em direção à Capital Federal e de todos os brasileiros. Aliada a essa situação rodoviária atual, está o passado da construção do Plano piloto de Brasília, que atraiu muitos trabalhadores das regiões Norte e Nordeste.

Têm-se duas situações, o retroflexo é valorizado como representante da cultura goiana e o aspirado é estigmatizado como o forasteiro nortista e nordestino. Desse modo, somente usam o alofone aspirado aqueles indivíduos diretamente ligados ao Norte e ao Nordeste, descendentes diretos ou emigrantes que trouxeram consigo o sotaque. Todos os goianos querem falar do modo caipira da gente da Capital do estado: Goiânia. Ficou patente nas coletas, que jovens falam o retroflexo e evitam o aspirado. Fala-se aqui dessas regiões onde existe a incidência desse alofone gloto-velarizado como herança histórica, reforçada pela constante emigração de pessoas vindas dos estados Nordestinos em que esse alofone é prestigiado.

A cada faixa etária foram selecionados seis informantes para cada município. Idade mínima, do informante mais jovem, 18 anos. Os critérios são: ter nascido no município, ser filho de pais nascido na região, pelo menos (preferencialmente no município) e ter ali residido sempre; ter cursado o ensino, de preferência, com professores da localidade; estar em condições boas de saúde no aparelho fonador; de ambos os sexos; profissões variadas. Foram feitos esforços para preencher todas as faixas etárias e escolaridade, mas isso certamente não foi possível em todas as localidades (MILANI et al, 2015, p. 11).

Para que fique claro como foi a coleta para o ALINGO, uma vez que os resultados somente podem ser assegurados por força da qualidade da coleta, além desses traços dos informantes, citados acima, a coleta foi feita considerando três faixas etárias, de 18 a 35 anos, de 36 a 45 e de 46 em diante. Considerou-se também a escolaridade dos informantes, agrupados de acordo com os dados históricos da escolaridade brasileira: analfabetos, até 4 anos de escolaridade, até 8 anos, até 11 anos e acima de 12 anos de escolaridade. Coletaram-se dados de pessoas dos dois sexos. Porém, esses dados relativos a essas variantes sociolinguísticas não foram expostos no ALINGO, mesmo que tenham sido fundamentais para sua elaboração.

Tal fato se evidenciou nas cidades jovens, ou seja, aquelas que tiveram seu desenvolvimento demográfico muito mais recentemente, após a fundação de Goiânia, 1933. Nessas cidades, são poucos os indivíduos que emigraram do Norte e Nordeste, e o fluxo cultural partiu da Capital Goiânia, por isso o falar das pessoas é muito parecido com o da Capital. As cidades mais antigas, vinculadas à mineração e depois ao desenvolvimento agropecuário, e também aquelas que estão na área de influência direta de pessoas que passam pelas rodovias, ou seja, que estão às margens de uma rodovia, sobretudo, rodovias federais, apresentam incidência do alofone gloto-velarizado aspirado [h] pós-vocálico nas pessoas acima de 40 anos. Diz-se isso, porque na coleta do Acervo, representada no ALINGO, não se encontrou caso de falante nativo, de pais também nativos, como exigia a seleção dos informantes, mais jovem de 40 anos, que não realizasse o retroflexo na sua fala.

#### Realidade dos fonemas /R/ e /S/ nas fronteiras de Goiás publicado no ALINGO.

Então, nas fronteiras norte do estado e também na fronteira noroeste em que se encontra com mais facilidade fonemas pós-vocálicos /R/ glotalizado e os dentais /t/ e /d/ diante /i/ como [t] e [d], encontrou-se forte incidência de /R/ retroflexo e forte incidência de /S/ alveolarizado e também de [ʃ] e [dʒ] diante de /i/. Nas fronteiras sul e sudoeste do estado, onde predominam a produção desses fonemas de maneira oposta, encontrou-se pouca incidência no sul e forte incidência no sudoeste de glotalização de /R/ e de [t] e [d] associados ao fonema /i/ (MILANI et al, 2015, p. 291).

Os casos dos alofones, glotalização do /R/, o aspirado [h], no Sudoeste do estado, que aparece na citação, aconteceram nas cidades, pontos de coleta, nas fronteiras, especificamente por onde passam rodovias federais que cruzam o estado. Os pontos de coleta onde isso se evidenciou muito foram: Aragarças, onde fica a ponte sobre o Rio Araguaia, tendo do outro lado do barranco a cidade de Barra do Garças, no

Mato Grosso, e Bom Jardim de Goiás, cuja cidade fica a menos de 30 quilômetros de Aragarças e Barra do Garças. Mais ao sul, em direção à cabeceira do rio Araguaia, a cidade de Santa Rita do Araguaia, por onde passam muitos caminhoneiros e estradeiros, porque muitas rodovias federais e estaduais importantes para o transporte de mercadorias atravessam a fronteira para o Mato Grosso ali, pela ponte.

### **Estudo diacrônico da fala goiana**

Para estabelecer um ponto de partida para um estudo diacrônico de um vocábulo de uma língua, é preciso dizer qual seria a forma lexical de partida. Então, qual seria a forma na expressão que fora dada pelo grupo como o nome para a idéia, o qual dera início ao processo de modificação. Como se trata de formas ainda vivas na fala cotidiana, diferente do que afirmara Saussure, essa diacronia não é irreversível, conscientemente falando trata-se de um dado sincrônico, mas se dará um tratamento metodológico diacrônico. Ou seja, neste trabalho serão analisados os dados coletados sincronicamente nos anos de 2012 e 2013, mas se fará uma análise das modificações que o tempo fez acontecer nas diferentes diastratias e diatopias.

Toda a Linguística Diacrônica tem por base a Sincrônica. Resolver um problema de História Linguística significa provar, reduzindo, por um tempo mais ou menos longo, uma dinamicidade à imobilidade, ou seja, reduzindo-a à sincronia. O que a Linguística se chama visão histórica é a fixação e a projeção diante de nós de uma situação em que ocorreu um acontecimento linguístico, por meio de uma intuição baseada nos dados disponíveis (VIDOS, 1996, p. 109).

Nos estudos diacrônicos das línguas em geral, exemplifica-se aqui com o estudo em Linguística Românica do Latim para o Português, sempre se toma a norma padrão como o ponto de partida. O que se pode teorizar é que a norma padrão englobaria todas as outras normas, ou seja, qualquer variante será sempre entendida em comparação com a norma padrão. Os exemplos da evolução metaplasática do Latim para o português tomam a norma Clássica, que era eminentemente escrita, e se processam as transformações tidas como leis fonológicas de mudança para o latim vulgar, depois para o galego e depois para o português. Geralmente não se sabe se as formas intermediárias de fato existiram em alguma época entre a forma do latim clássico e a forma do português, muito possivelmente sim, mas o que se têm são as possibilidades de mudanças e uma sequência de mudanças obrigatórias ou possíveis.

O latim clássico apresentava cinco vogais, a saber a, e, i, o, u, sendo que cada uma dessas vogais podia ser pronunciada com duração longa ou breve. A duração era,

no caso, uma característica fonológica, ou seja, capaz de distinguir palavras e morfemas gramaticais: por esse traço pertinente das vogais, o latim literário distinguia, por exemplo, *pōpulum* (ō breve) = povo e *pōpulum* (ō longo) = choupou, *ōs* (ō breve) = osso e *ōs* (ō longo) = rosto; *lūto* (ū longo) = amarelo, e *lūto* (ū breve) = lodo (ILARI, 2002, p. 72).

Nessa citação, Rodolfo Ilari parte do latim clássico para mostrar as transformações que viriam a ocorrer no latim vulgar e, na sequência de seu livro, nas línguas românicas, entre elas o português. Nessa obra há um apêndice sobre o português brasileiro, obviamente ele fez um retorno ao português, forma original, e mostrou os diversos fatores que teriam contribuído para a formação da língua brasileira: contribuição indígena, muitas e diferentes línguas, contribuição dos 18.000.000 de africanos trazidos como escravos ao Brasil durante os três séculos de escravidão, vindos de muitos lugares na África, e a relusitanização do Rio de Janeiro, quando da vinda da Coroa em 1808.

### **Os alofones do /r/ em coda de sílaba nos dados do ALINGO**

Observando a forma padrão *córrego*, nas cidades de Goiás ela apareceu de muitas maneiras: (MILANI *et al*, 2015, p. 30) ['kɔxegɔ] > 'kɔxigɔ > ['kɔx'gɔ] > ['kɔhɔ], ['kɔrgɔ], ['kɔrgɔ] > [kɔr'gɪ]. Não foi registrada a forma ['kɔwgɔ], mas ela existe e, frequentemente, é ouvida e pronunciada no estado. Também a forma ['kɔjɔ] existe. No diminutivo apareceram as formas [kɔxigu'zĩɲɔ] > [kɔrgɔ'zĩɲɔ] > [kɔr'gĩɲɔ] > [kɔh'gĩ], [kɔr'gĩ], [kɔr'gĩ]. Verificando a sequência acima, vê-se que a proparoxítona é transformada em paroxítona em três etapas, a metafonía do /e/ em /i/, depois o abaixamento desse /i/ até a síncope. A partir desse ponto, atuam as origens do falante, na fronteira norte do estado e também na fronteira com a Bahia tem-se a possibilidade do alofone de coda de sílaba fortemente aspirado, gloto-velarizado, ['kɔhɔ]. Esse alofone é típico dos falares nortistas e nordestinos brasileiros e chegou a Goiás com emigrantes dessas regiões. Na fronteira sul, com Minas Gerais, tem-se predominantemente outro alofone, de origem dita caipira, típico dos estados da região Sudeste, que chegou a Goiás com os emigrantes desses estados ['kɔrgɔ].

Ainda apareceu o alofone vibrante apical ['kɔrgɔ], também típico das variantes do Sudeste, mas que também é típico em alguns estados no Nordeste. Foi registrado

somente no entorno de Brasília, região do estado que recebeu, nos últimos 50 anos, forte emigração proveniente de todas as regiões do país, mas em maior número de alguns estados, como Rio de Janeiro, Ceará e Bahia. Essa emigração é devida às circunstâncias de construção do Plano Piloto e das rodovias que começam no Distrito Federal e também de ser o Rio de Janeiro a antiga capital Federal, de onde vieram os primeiros funcionários de todas as repartições. Então, para esse fonema líquido vibrante, em coda de sílaba, têm-se três alofones registrados no léxico *córrego* na fala em Goiás: [h, r, ɾ]. São comuns mais dois alofones nos falares brasileiros: [w e j]. O [w] ficou registrado no léxico arco-íris (MILANI et al, 2015, p. 54) [arko'iris], [aɾko'iris] > [aɾko'rili], [ahku'iris], [awko'iris] > [aw'k<sup>w</sup>iris] > [awku'iri], que será bem explanado abaixo.

Esse alofone [w], para o léxico arco-íris, como era de se esperar, ocorreu somente nas regiões central e sul do estado, onde 100% dos nativos falam a variante dita caipira, que tem no alofone retroflexo [ɾ] sua marca mais evidente. No léxico *corcunda* também foram registrados os quatro alofones citados: (MILANI et al, 2015, p. 174) [kor'kũdɔ], [kɔɾ'kũdɛ]; [koɾ'kũdɛ], [kɔɾ'kũdɛ], [kɔɾ'kũdɔ], [kaɾ'kũdɔ], [koɾ'kũdɔ]; [koh'kũdɛ], [kɔh'kũdɔ], [koh'kũdɔ]; [kow'kũdɛ], [kaw'kũdɔ], [kaw'kũdɛ], [kow'kũdɔ]. Deve-se registrar a possibilidade desse fonema sofrer síncope, então alofone zero [Ø]: [ko'kũdɔ], [ko'kũdɛ], [kɔ'kũdɔ]. Em todos os léxicos esse fonema pode sofrer síncope, nas formas verbais, quando estão no infinitivo, a apócope ocorre em quase 100% das vezes em todas as variantes faladas no Brasil, mais a frente nesse texto serão dados exemplos. Obviamente o alofone zero no léxico *corcunda* ocorreu em variantes de falantes com pouca escolaridade, com certeza por desconhecimento da forma padrão. Assim, pode-se dizer que os outros alofones [h, r, ɾ] sejam manifestações da forma padrão, a exceção seria a vocalização [w], que se desenvolve a partir do retroflexo.

Os alofones [h, r e ɾ] estão em distribuição complementar, mas o alofone vocalizado [w] somente ocorreu associado ao alofone retroflexo [ɾ]. O fato é que o retroflexo apresenta forte traço de semivogal e é esse traço que permite a evolução para a vocalização, tanto para [w] quanto para [j]. A forma do alofone [j] não ocorre com regularidade em Goiás, não houve registro no *Acervo da fala goiana*, por isso não apareceu no ALINGO. Ela é mais comum no estado de Minas Gerais, nos falares do norte daquele estado, são dados não oficiais, mas presenciados por esse linguísta em viagens por aquela região, a exemplos: ['kojgɔ], ['pɔjtɛ]. Do ponto de vista diatópico, tanto a forma alofônica retroflexa, quanto as vocalizadas são parte da variante geral chamada caipira, que engloba, expurgadas as especificidades locais, todos os estados do



Sudeste e do Centro-Oeste e também parte da região Norte, como o sul do Tocantins e Rondônia, e da região Sul, como o Oeste do Paraná.

No entanto, deve se registrar a existência em toda a diatopia chamada caipira das formas [trej'sɔw] e [trej'sɔ] para o léxico *terçol*. Nesse caso, além da possibilidade da vocalização do fonema /R/ a partir da pronúncia do retroflexo, existe também a análise empírica e intuitiva dos falantes como se esse fosse um substantivo composto, com o numeral três e o substantivo sol. O numeral três é regularmente pronunciado pelos brasileiros com ['trejs]. Essa é uma doença que se desenvolve nas pálpebras e a sensação que ela provoca quando se está no sol é horrível. Ela é contagiosa, por isso é muito comum nas crianças, que passam umas para as outras ao brincarem ou somente ficarem perto, como nas escolas. Esse foi o caso que apareceu na ALINGO, que poderia ser tomado como exemplo da vocalização em [j], porém, a maioria dos falantes em Goiás já aprende esse nome com esse formato. Entretanto, apesar de a maioria ter pronunciado [trej'sɔw], ela apareceu pronunciada de muitas maneiras:

Terçol [teɾ'sɔw]	Terçol [toɾ'sɔw]
Terçol [teɦ'sɔw]	Terçol [tri'sɔli]
Terçol [teɾ'sɔw]	Terçol [tru'sɔli]
Terçol [trej'sɔw]	Terçol [tru'sɔw]
Terçol [trej'sɔ]	Terçol [tuɾ'sɔw]
Terçol [tre'sɔw]	Terçol [tuɾ'sɔw]
Terçol [tri'sɔw]	

(MILANI *et al*, 2015, p. 288)

Nos exemplos acima, o fonema que dera origem ao alofone vocalizado, foi o líquido vibrante. Porém, a forma vocalizada, em coda de sílaba, é o traço alofônico predominante com o fonema líquido lateral /l/. Em todas as variantes do português brasileiro o alofone vocalizado [w] predomina na execução desse fonema. É fato que ele pode fazer rotacismo com o alofone retroflexo: (MILANI *et al*, 2015, p. 96) [aɫ'kɔɫ<sup>a</sup>trɐ] > [aw'kɔɫ<sup>a</sup>trɐ], [aw'kɔɫ<sup>i</sup>ku], [aw'kɔɫ<sup>i</sup>kɐ], [ow'kɔɫ<sup>a</sup>trɐ], [aw'kɔli] > [aɾ'kɔɫɐ], [ɛɾ'kɔɫ<sup>a</sup>trɐ]; [a'kɔɫɐtrɐ], [ɐko'lizmɔ]; e (idem, p. 112) [aɫ'fɔʒɪ] > [aw'fɔʒɪ], [aw'fɔɾʒɪ], [aw'fɔʒɐ] > [aɾ'fɔʒɐ], [aɾ'fɔʒɪ], [a'fɔʒɪ]. Com o léxico *alfoge*, ocorreu uma pronúncia glotovelarizada, numa cidade dentro da hipoglossia da fronteira com a Bahia: [ah'foʒɐ]. Isso não torna o aspirado [h] alofone do fonema [ɦ], mas forma um par suspeito com o alofone retroflexo [ɾ].

Muitos exemplos do ALINGO demonstram os processos descritos acima: [es'keɾɔ], [is'keɾɔ], [is'kehɔ]; ['faɾtɐ ɔʒi'vistɐ], ['vistɐ 'kuɾtɐ], ['vistɐ 'kuhtɐ];

[kũvehsɐ'do], [kũveɾsɐ'do]; [ĩva'zoɾ], [ĩva'zoh]; ['kohnu], ['koɾnu], colocam o retroflexo e o aspirado - gloto-velarizado - como alofones. Nas formas *mau pagador* ['maw pagɐ'do], ['maw pagɐ'doɾ], ['maɾ pagɐ'doɾ], *almas* ['awmɐ], ['awmɐs], ['aɾmɐ], *vulto* ['vuwto], ['vuɾto], *altar* [aw'ta], [aw'taɾ], [aw'tah], [aɾ'taɾ] e *calçada* [kaw'sadɐ], [kaɾ'sadɐ], a distribuição complementar, muitas vezes livre, entre o alofone vocalizado [w] e o retroflexo [ɾ] fica demonstrada. Em *pagador* ['maw pagɐ'do], *conversador* [kũveɾsɐ'do], *altar* [aw'ta], a apócope do fonema líquido vibrante permite que se fale em um alofone zero. Em *salto mortal* ['sawtu mor'taw], ['sawtu moɾ'taw], ['sawtu moh'taw], ['saɾtu moɾ'taw] existem exemplos dos dois casos de distribuição complementar já explanados.

Formam pares suspeitos ['maw] e ['maɾ], ['awmɐ] e ['aɾmɐ], ['vuwto] e ['vuɾto], [aw'tah] e [aɾ'taɾ]. Em [aw'tah] e [aɾ'taɾ], o retroflexo na primeira sílaba faz par com a vocalização e na segunda, com o aspirado-gloto-velarizado. Em *mortal*, na primeira sílaba não ocorreu a vocalização, nem seria natural da fala em língua portuguesa brasileira, porque a segunda sílaba, que é a tônica, está composta por uma coda vocalizada. Porém, *mortal* [moɾ'taw] poderia sofrer apócope, tornando-se [moɾ'taØ], com alofone zero. Como se mostrou acima, isso acontece muito frequentemente com todos léxicos que tenha alofone retroflexo e vocalizado em coda na sílaba final e também pode ocorrer em coda das outras sílabas.

Em quase todos os pontos onde essa forma ocorreu, eles se vinculam à dispersão da fala oriunda do Nordeste brasileiro. Estão, ou na fronteira com a Bahia ou no entorno do Distrito Federal, onde essa forma é previsível de acontecer: Campos Belos, Posse e São Domingos, Formosa, Alto Paraíso, São João d'Aliança. As cidades, onde ocorreu essa forma e não seria, em princípio, previsível, foram Aragarças, Bom Jardim, Aruanã e Santa Rita. Entretanto, quando se analisa os dados coletados em Aragarças e Bom Jardim, que são municípios vizinhos, vê-se que essas formas com o /R/ pós-vocálico gloto-velarizado são bastante comuns. Somente Aruanã estaria fora de qualquer uma dessas condições (MILANI et al, 2015, p. 298).

No léxico *alvorada*, ficou registrado o mesmo processo já descrito. O fonema /l/ apresenta três alofones: [w, ɾ, Ø]. De fato, existe a oposição entre vocalização e retroflexia, quando os alofones são do fonema /l/. A forma [ɛwvo'radɐ] ocorreu em todas as partes do estado, em quase todos os pontos de coleta. É um léxico muito comum em letras de música sertanejas, por isso as pessoas conhecem essa pronúncia, comum aos goianos. No léxico *agricultor*, na segunda sílaba em que existiu o fonema

/h/, ele somente apareceu com os alofones [w] vocalizado e [Ø] zero, nem a forma alveolarizada [t̪], que seria inesperado, nem a forma retroflexa [ɐgrikʊʔtoɾ], muito comum na fala dos goianos, nem a forma gloto-velarizada [h]. Nos grupos onde ela seria esperada, apareceu somente o alofone [Ø] zero: [ɐgrikʊ'toh].

Esse é um caso interessante de dissimilação de fonemas. Essa pronúncia aconteceu em Cristalina, no entorno de Brasília, área onde existe a incidência desse alofone. A pronúncia hipotética e imaginável para essa situação seria [ɐgrikoh'toh]. Não aconteceu caso semelhante a essa hipótese, por nenhum informante entrevistado, em que em um mesmo léxico aparecesse duas vezes esse alofone. Ele tem uma complexidade de pronúncia considerável por isso a presença de um por vocábulo. Então, a explicação aceitável é a de dissimilação entre os dois alofones. A dissimilação provavelmente teria feito o alofone da sílaba átona sofrer síncope e o da sílaba tônica permanecer: [ɐgrikʊ'toh].

A forma *arco da velha*, sinônimo religioso para arco-íris, apareceu três vezes nas entrevistas sempre dita por pessoas da última faixa etária. Com a forma alofônica alveolarizada ['aʔkʊ dɐ'vejɐ] apareceu dita por uma pessoa de baixa escolaridade, e o retroflexo ['aʔkʊ dɐ'velɐ], pronunciada por uma pessoa de alta escolaridade, e ['aʔkʊ dɐ'vejɐ], pronunciada por uma pessoa de baixa escolaridade. Obviamente, no primeiro caso [t̪] foi uma hipercorreção da fala. Nos outros casos, os falantes pronunciaram como o fazem no dia-a-dia, com o retroflexo. De fato, não haveria de acontecer a vocalização ['awkʊ] como alofone nesse caso, mas ela seria mais plausível como hipercorreção do que a forma alveolarizada. Arco da velha é uma referência ao acordo de Noé com Deus para que não houvesse mais dilúvio: *arco da velha aliança*. Essas três ocorrências aconteceram no sul do estado, onde predomina a hiperglossia caipira.

A forma padrão para o léxico *calcanhar*, quando da implantação do português no Brasil, devia ser [kaʔkɐ'ɲa], pronúncia ainda existente em Portugal, que pode ser encontrada no Brasil na fala de pessoas da terceira faixa de idade. Na coleta para o ALINGO, foi registrada uma forma aproximada [kaʔkɐ'ɲa], com a apócope do /R/, falada por um informante de 60 anos na cidade de Cristalina. As pronúncias encontradas são variantes dessa forma padrão. Como alofones do /h/ em coda de sílaba apareceram [r, h, ʔ, w]: [kaʔkɐ'ɲa], [kahkɐ'ɲa], [kaʔkɐ'ɲa], [kawkɐ'ɲa]. Em Goiás, e em toda hiperglossia caipira, a forma predominante é a vocalizada [kawkɐ'ɲa] e [kawkɐ'ɲa]. Como se supôs acima, ela é que torna possível a variante retroflexa [kaʔkɐ'ɲa], pelos traços vocálicos que esse alofone apresenta. As outras duas formas [kaʔkɐ'ɲa],

[kahkɐ'ɲa] podem ser pensadas de duas maneiras, como alofones em rotacismo com /ʎ/ ou como alofones construídos a partir dos traços de consoantes do retroflexo.

No primeiro caso, o rotacismo /ʎ/ versos /r/ teria ocorrido em tempos anteriores à vocalização /w/. O fato é que em latim vulgar esse rotacismo existia e continua existindo como consoantes em cabeça de sílaba, mas em coda de sílaba esse rotacismo parece não existir, uma vez que todas as variantes brasileiras vocalizam o /ʎ/ nessa posição. Como a aparição do retroflexo /r/ somente acontece na variante caipira e essa é vocalizada sempre, pode-se levantar a hipótese do retroflexo, como semiconsoante ou semivogal, fazendo rotacismo com a vocalização, que é semiconsoante ou semivogal. Exemplos muito comuns entre o povo goiano são as formas [maw'mʲtɐ] para *marmita* e ['gawfɔ] para *garfo* e [ɐr'mõkɐ] / [ar'mõkʲɐ] para *almôndega*. Como foram demonstrados acima, muitos exemplos apareceram na coleta para o ALINGO, que estão no *Acervo da língua falada em Goiás*.

A pergunta era sobre chás, o objetivo era que a pessoa falasse o léxico *erva cidreira*, é um dos chás mais comuns entre os goianos e também em outros estados do Brasil. Quase todos os entrevistados se lembraram de falar, a maioria disse ['ɛɾvɐ si'drɛɾɐ] como era esperado. Um dos entrevistados, na cidade de Posse, disse ['ɛrvɐ si'drɛɾɐ], ele realizou esse alofone em todas as suas repostas. Nas cidades de Nova América e Ceres, ambas na região central do estado, próximas uma da outra, ocorreram com falantes da última faixa etária, a resposta ['ɛwvɐ si'drɛɾɐ] (MILANI *et al*, 2015, p. 79). Esse é um caso em que a forma padrão é com o fonema /R/. A forma com o alofone vocalizado [w] é uma hipercorreção, provavelmente provocada pelo valor pejorativo que o retroflexo tem, considerado falar de caipiras e roceiros.

Outro exemplo é *Volta do dia* ['vɔɾtɐ dɔ'dʒiɐ]. Supostamente a forma padronizada *volta* estaria na base da pronúncia do alofone retroflexo. O processo nesse caso é o da transformação do alofone /w/ vocalizado no alofone retroflexo /r/. Essa expressão ocorreu em Corumbaíba, no sul do estado, localidade em que o alofone retroflexo é predominante. Foi dito por um senhor de 43 anos, com 4 anos de escolaridade, ele provavelmente aprendeu dessa maneira esta expressão, que significa a passagem da manhã para a tarde, ou como a maioria falou *meio dia*. A forma lexical já é assimilada com o retroflexo como alofone para o fonema /ʎ/. Certamente existiu a história da transformação da vocalização em retroflexo, mas os usuários da expressão não têm isso na memória. Devido à baixa escolaridade, esse falante jamais conseguirá fazer o percurso na direção da retomada da forma padronizada com a vocalização /w/.

A variação do fonema /R/ quando é coda da última sílaba de um léxico. São poucas as palavras que, quando terminadas com o fonema /R/, não sejam oxítonas. Foram registrados três alofones para esse fonema no léxico *calcanhar* [Ø (zero), ɾ, h]. Não se teve registro do alofone apical [r] nesse léxico, e a vocalização [w] nessa posição nunca foi ouvida, em nenhuma forma lexical, e seria extremamente fora do padrão da língua. Deve ser observado que os fonemas nasais e nasalizados não interferem na realização desses alofones, tanto em coda de sílaba, quanto na coda do léxico: [kawkɐ'ɲa], [kawkẽ'ɲa], [kawkɐ'ɲaɾ], [kawkẽ'ɲaɾ], [kawkẽ'ɲah], [kaɾkɐ'ɲaɾ], [kaɾkɐ'ɲa], [kaɾkẽ'ɲa], [kahkɐ'ɲa], [kahkẽ'ɲa], [karɐ'ɲa], [kaɾlkɐ'ɲa] (MILANI *et al*, 2015, p.151).

O léxico *inverno*, que significa períodos chuvosos nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, apresentou dois alofones para o /R/, o retroflexo [ɾ̃vɛɾɲʊ] e o aspirado [ɾ̃vɛhnʊ]. O aspirado ocorreu nas cidades São João d'Aliança, Bom Jardim, Campos Belos, Luziânia, Cristalina, Posse, São Domingos. A exceção é a cidade de Bom Jardim, as outras ficam na fronteira com a Bahia ou no entorno de Brasília, onde ele é comum. O falante de Bom Jardim que disse esse alofone tinha 70 anos, sem escolaridade oficial, cujos pais tinham emigrado para a região adultos. Bom Jardim fica próxima a Aragarças, fronteira rodoviária com Mato Grosso, rodovia que corta de Brasília até o Acre. Entrevistaram-se vários falantes que apresentavam traços fonéticos típicos do entorno de Brasília e inesperados para aquela região, porém típico de localidades fronteiriças onde param muitos viajantes, onde muitos são emigrantes de regiões distantes.

O léxico *orvalho* apresentou um número surpreendente de variações. No tocante ao fonema /R/ em questão nesse artigo, apresentou a mesma variação que os outros léxicos apresentaram: [h, ɾ, r]. O alofone [h] aspirado apareceu no entorno de Brasília e na fronteira noroeste com a Bahia, onde era de fato esperado. O alofone [r] apareceu nas cidades de Posse e Planaltina, a mesma região do [h]. As duas incidências foram em mulheres de meia idade, uma com curso superior e outra com 8 anos de escolaridade. Em mais de um léxico esse alofone apareceu nessas regiões, apesar de ser incomum, foram encontrados poucos falantes que o usam. O retroflexo [ɾ], como era de se esperar, apareceu em todas as regiões do estado, sempre na ampla maioria dos cidadãos de todas as localidades.

Quando se considera a forma [or'valʊ] como forma de partida, ela é sincronicamente ativa em Goiás, o número de falantes que a usa é pequeno e está vinculado ao nível superior da academia, como foi o caso de uma

informante professora aposentada da cidade de Orizona. O mais comum é que o abaixamento para [ɔ] provoque uma parcial despalatalização, mantendo o traço de líquida lateral, compondo uma forma consonantal ditongada [lʲ]: [or'val'ɔ]. Essa é a forma mais comum de pronúncia da líquida lateral palatalizada nessa variante e em muitas outras variantes do português brasileiro (MILANI et al, 2015, p. 274)

O léxico *bar* também apresentou três variantes: [h] ['bah], [ɾ] ['baɾ], [Ø] (zero) ['ba]. Como já se demonstrou acima, o fonema em coda de vocábulo pode sofrer apócope e esse alofone zero ocorre com todos os falantes, modificando em muito pouco a variante sociolinguística nível de escolaridade. As outras variantes sociolinguísticas em questão não geram nenhuma modificação. A apócope é um fato consistente na história da língua portuguesa, e nenhum fator impede ou modifica a apócope do fonema /R/. Acontece com substantivos, adjetivos e verbos. Também ocorre com fonemas vocálicos na composição de ditongo: ganhou bebê [ga'ŋo be'be], [gaĩ'o be'be] e [gaĩ'o nẽ'ne], [gãĩ'o nẽ'ne].

Apareceram nos dados do ALINGO, sempre os três alofones [h, ɾ, Ø], com os léxicos: *agricultor* [ɐgɾikuw'to], [ɐgɾiku'toh], [ɐgɾikuw'toɾ], *lavrador* [lavɾe'do], [lavɾe'doh], [lavɾe'doɾ], *entardecer* [ẽtaɾde'seɾ], [ẽtaɾde'se], [ĩtahde'se], *escurecer* [iskure'se], *amanhecer* [ɐmẽje'seɾ], [ɐmẽje'se], [mẽje'seɾ], *clarear* [klare'a], [klare'aɾ], *máquina de moer* ['makine dʒi'moeɾ], ['makine dʒimo'e], *moedor* [moe'do], [moe'dor], *batedor* [bate'do], [bate'doɾ], [bate'do dʒi'pasto], *beija-flor* ['bejzɐ'flo], ['bejzɐ'floh], ['bejzɐ'floɾ], *molar* [mo'la], [mo'lah], [mo'laɾ], *vomitar* [gumi'ta], [vomi'ta], [vumi'ta], *falador* [falɐ'do], [falɐ'doɾ], [falɐ'doh], *benzedor* [bẽze'do], [bẽze'doɾ], [bẽze'doh].

O léxico *bebedouro* [bebe'do], [bebe'doh], [bebe'doɾ] sofreu processos fonológicos anteriores que produziram a possibilidade da apócope do fonema /R/, gerando o alofone [Ø]. O primeiro processo foi a monotongação [bebe'dorɔ], em seguida a apócope do fonema vocálico final, que gera as formas [bebe'doh] e [bebe'doɾ], finalmente a apócope do alofone líquido vibrante. Esses três léxicos: *matador* [matɐ'do], *torcedor* [toɾse'do], *chuva de flor* ['ʃuvɐ dʒi'fro], somente apareceram com o alofone [Ø]. Provavelmente um traço semântico vinculado aos léxicos, devem ser usados com raridade, significam respectivamente assassino, rodaminho e granizo, e são usados provavelmente apenas assim.

O léxico *pernilongo* apresenta o fonema /R/ na posição pré-pretônica, mas isso não muda as possibilidades dos alofones manifestados. Nesse vocábulo há muita variação nas vogais, mas os alofones [h, ɾ] continuam e se associam a todas as

possibilidades de vogais. Apareceram na coleta e estão no ALINGO (p. 141): [pɛɾnɐ'lõgɔ], [pɛɾne'lõgɔ], [pɛɾni'lõgɔ], [pehni'lõgɔ], [pɛhni'lõgɔ], [pɛɾne'lõgɔ], [pɛɾni'lõgɔ], [pɛɾne'lõgɔ], [piɾni'lõgɔ], [pihni'lõgɔ]. Às vezes, as pessoas brincam e falam em [pewni'lõgɔ], evidentemente elas reconhecem pela intuição na língua que existe a possibilidade dessa hipercorreção. Não se pode garantir que isso não ocorra na fala das pessoas menos escolarizadas. Não é assunto nesse artigo, mas algumas dessas formas têm nas mudanças vocálicas fenômenos de hipercorreção, por exemplo, [pɛɾnɐ'lõgɔ].

## Conclusão

São traços históricos importantes para a formação do povo goiano, sobretudo, linguisticamente, a emigração paulista, mineira e portuguesa, chamada de os *bandeirantes*, que contribuíram com o alofone retroflexo [ɾ] para o fonema /R/ e a vocalização [w] para o fonema /ʎ/. A emigração nortista e nordestina veio em duas grandes importantes levadas de pessoas, a primeira é chamada de *boiadeiros*, a segunda é chamada de *candangos*. Essa contribuiu com o alofone aspirado – gloto-velarizado – [h] para o fonema /R/ e trouxe consigo a possibilidade da vocalização [w] do fonema /ʎ/ e o apical [r] para o fonema /R/.

São muitos séculos de história, a emigração bandeirante tinha objetivo de explorar riquezas minerais e também de povoar a região, por isso sua presença, apesar de criticada como depredatória, é extremamente significativa e está na base da formação da população: a grande maioria da população de Goiás tem raízes familiares em Minas Gerais e São Paulo. Deve-se considerar a decisiva interferência dos meios de comunicação básicos, que são sediados no Sudeste do país, que são majoritariamente falados na variante do Sudeste, já muito diferente daquela dos bandeirantes, mas bem mais próxima da falada em Goiás, do que aquela dos Nortistas e Nordestinos.

A emigração nortista-nordestina dos boiadeiros não foi tão numerosa e já encontrou uma população ocupando os espaços. Mesmo tendo contribuído largamente para a formação econômica do estado, modificou pouco a forma de falar. Somente nas partes do estado em que ocorreram reforços de emigração dessas regiões é que os traços fonéticos daqueles falares aparecem evidentemente. Nas outras partes do estado, vez ou

outra, detecta-se algum traço fonético desses falares, na maioria das vezes em vogais médias. Os reforços de emigração de que se falou, ocorreram na construção do Plano Piloto de Brasília nos anos de 1950 e de 1960 e a natural troca de cidadãos que os estados fazem em suas fronteiras, nesse caso, fronteira de Goiás com a Bahia.

O estado apresenta os alofones [h, ʁ, r, Ø e w] para o /R/ em coda e os alofones [ʁ, w, ʁ, Ø] para o fonema /ʁ/. O que deve ser evidenciado nessa conclusão é a relação entre os alofones [w e ʁ] para os dois fonemas. Eles se equivalem e formam par em rotacismo, por causa dos fenômenos de hipercorreção que atingem os dois fonemas. O que também deve ser evidenciado é o forte traço de semivogal do retroflexo que permite que ele seja avaliado pelos falantes com as mesmas características do alofone vocalizado [w] que se comporta com semivogal, mas que tem no seu interior a condição de semiconsoante, como tem as semivogais dos ditongos, crescente e decrescente, do léxico em língua portuguesa e brasileira.

Finalmente, esses alofones têm áreas de incidência bem definidas em Goiás. O que se conclui, e já apareceu em outros artigos desses mesmos autores, é que, devido ao reforço cultural de valorização das raízes econômicas e populacional do estado, o retroflexo [ʁ], juntamente com as outras características da hiperglossia chamada caipira, predominará e excluirá cada vez mais as outras possibilidades de fala dentro das fronteiras de Goiás.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Aragão, Maria do Socorro Silva de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPQ, 1984.

Ilari, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo, Ática, 2002.

Milani *et al.* *ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

Vidos, Benedek Elemér. *Manual de lingüística românica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Amaral, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.



Aragão, Maria do Socorro Silva de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPQ, 1984.

Brandão, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

Callou, Dinah & Leite, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Carvalho, Dolores Garcia e Nascimento, Manoel. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1969.

Elia, Silvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S. A., 1979.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Calouste Gulbernkian. 1962.

Milani, S. E. “Historiografia de Saussure: Curso de Lingüística Geral”. Uberlândia/UFU, Revista LETRAS & LETRAS, 2009, v. 25.

Milani, S. E. “Platão: nomear é uma ação”. In.: SIGNO. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011.

Milani, Sebastião Elias. *A Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

Milani, S. E. *Aspectos Historiográfico-linguísticos do Século XIX: Humboldt, Whitney e Saussure*. São Paulo: Paco Editorial, 2011.

Milani, S. E. *Historiografia-Linguística de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo, Paco Editorial, 2012.

Milani, S. E. "O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin". In.: SIGNO. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2015

Nascentes, A. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Nestor, Paulo Henrique E. S. “Estudo diacrônico sobre fonética em Mattoso Câmara”. In: V CONPEEX – Congresso de pesquisa, ensino e extensão. Goiânia: UFG, 2008.

Palacin, L; Moraes, M. A. de S. *História de Goiás*. 5ª Ed. Goiânia/GO: Editora UFG/1989.

Pinheiro, I. M. G & Milani, S. E. “Possibilidades fonéticas do “o” ortográfico em Goiás”. Revista SOCIODIALETO, 2014.

Silva, D. M.; Milani, S. E. “A sociolingüística na sala de aula de língua portuguesa: uma investigação historiográfica”. In: I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, São Paulo: USP, 2008.

Silva, Daniel Marra da. “Saussure - As consequências da instituição de um elemento híbrido, A Langue, Sistema/Fato Social, como objeto da Linguística”. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Silva Neto, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.<sup>a</sup> ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.